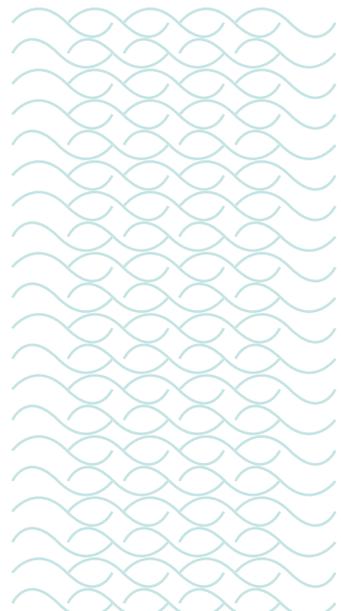
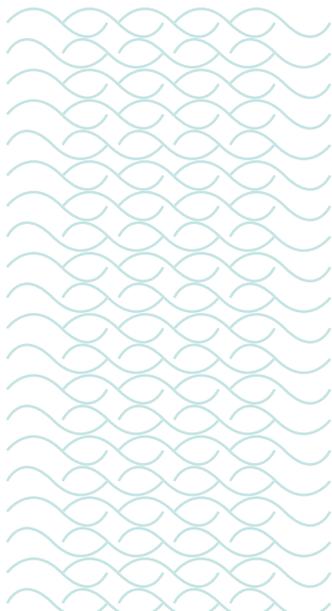




ENTREVISTA



A crise do jornalismo

The crisis of journalism

La crisis del periodismo

Entrevista com Leão Serva

Realizada por Cilene Victor da Silva

Faculdade Paulus de Comunicação - FAPCOM

<cilene.victor@fapcom.edu.br>

Ao completar 40 anos de profissão como jornalista, Leão Serva vê com um misto de apreensão e otimismo a crise que atravessa o jornalismo internacional, ainda mais profunda no Brasil que no resto do mundo. Professor de Ética Jornalística da ESPM-SP e doutor em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP afirma que a demanda por notícias é crescente, o que prova seu potencial, mas a indústria ainda não aprendeu a fazer dinheiro com as formas de distribuição apresentadas pelas chamadas novas mídias. Ex-correspondente de guerra tornado estudioso da fotografia de conflitos, nesta entrevista Serva comenta a tragédia humanitária das grandes migrações em curso no planeta e a perspectiva da eliminação de milhões de empregos simultaneamente aos riscos de tragédias ambientais provocadas pelo aquecimento global. “Como em *Game of Thrones*, o ‘inverno está chegando’ mas a imprensa no mundo inteiro está alheia a esses riscos globais e os países elegem líderes preocupados com questões locais”, diz.

Cilene Victor: Nos últimos anos, há quase um consenso sobre o que se passou a chamar de crise no jornalismo, não só no Brasil, como ao redor do mundo. Qual é seu entendimento acerca dessa crise do jornalismo?

Leão Serva: Há uma crise estrutural da indústria da comunicação, que resumidamente eu diria que se deve à entrada de novos e poderosos concorrentes no mercado. Algo como aconteceu um século atrás com o rádio e logo após a Segunda Guerra Mundial com a TV, por exemplo, que já naquela época tiveram impacto muito grande sobre a indústria de jornais, reduzindo leitores e circulações. Devemos lembrar que nos anos 1950, cidades como Rio e São Paulo, Londres, Nova York e Paris tinham dezenas de jornais em circulação. Alguns dos veículos mais influentes da época desapareceram ou mudaram completamente de patamar de influência e poder econômico. Houve uma concentração da circulação em um número menor de veículos, enquanto diversas rádios e um conjunto de emissoras de televisão se consolidavam. Isso se dá porque a cada ocorrência dessas, caem as margens com que trabalham os meios dominantes e isso altera seu modelo econômico.

Neste momento, a mudança que estamos vivendo é acompanhada de uma longa série de revoluções tecnológicas que está provocando ondas de choque em todas as indústrias, em todos os segmentos da sociedade. A indústria jornalística sofre impactos semelhantes aos que abatem a indústria de calçados ou de tecidos etc. Há uma disrupção generalizada na sociedade contemporânea.

Mas esse fenômeno global tem um agravante local: a longa crise econômica pela qual passa o Brasil, a rigor já desde 1981 com uma leve interrupção durante os anos do governo Lula, se soma à crise estrutural do jornalismo e abate mais profundamente a imprensa brasileira do que a de outros países. É notável que na Inglaterra, por exemplo, veículos de mídia tradicional tenham sofrido impactos negativos, mas estão sobrevivendo, encontrando o seu lugar no novo cenário. Enquanto isso, no Brasil, toda a mídia analógica ainda sofre um processo que parece ser de queda livre.

Cilene Victor: A ideia de crise está mais associada ao “fazer jornalismo” ou a um modelo de negócios do jornalismo que parece não mais se sustentar?

Leão Serva: Eu diria que a demanda por conteúdos jornalísticos está mais alta do que nunca. Mas a forma de distribuição dessa informação passou a ser predominantemente gratuita, ao mesmo tempo que foi destruída a indústria da publicidade tal como a entendemos nos últimos 200 anos. Os dois fenômenos juntos provocaram um abalo fortíssimo (ou como se diz hoje, uma disrupção) no modelo de negócios do jornalismo. Primordialmente, o que está sendo destruído não é a parte informativa da indústria jornalística, é a publicidade. Termi-

nou a era da publicidade. Não é mais possível imaginar que o consumidor, enquanto acessa os conteúdos dos meios de comunicação, oportunisticamente, por contiguidade, também veja um anúncio na página ao lado, no intervalo comercial ou mesmo no *banner* na página de um site. Essa prática comercial, que nasceu no início do século XIX, com o surgimento dos primeiros jornais de massa, acabou agora exatamente porque os novos recursos tecnológicos não admitem dispersão: comprar um anúncio ao lado de uma reportagem envolvia um grande desperdício de dinheiro (representado por todos os leitores da reportagem que não se interessavam pelo anúncio). O anunciante hoje encontra o consumidor exato, no momento em que ele está pensando no produto. Tem um foco muito mais preciso. Quanto à reportagem, ela segue interessando cada vez mais leitores, como vemos pelos altos índices de circulação de informação nos novos meios. Mas os jornais não descobriram ainda como fazer receita com essa demanda.

Como procuro mostrar no livro *A desintegração dos jornais* (SERVA, 2014), o fim da publicidade coloca o jornalismo novamente diante da necessidade de ser integralmente financiado pelo consumidor – o comprador de banca, o assinante da TV a cabo, dos meios digitais etc. Isso não é uma novidade, essa foi a regra até o fim da primeira metade do século XIX. Mas é preciso descobrir como fazer isso e qual seria o caminho do financiamento direto pelo consumidor. O *The New York Times*, com o “*paywall* poroso”, seguido por várias outras empresas (inclusive a *Folha*, *O Estado* e *O Globo*, entre outros), e o *Guardian* britânico, com uma forma de “assinatura voluntária” ou doação, já estão lucrando. Há ou-

O anunciante hoje encontra o consumidor exato, no momento em que ele está pensando no produto. Tem um foco muito mais preciso. Quanto à reportagem, ela segue interessando cada vez mais leitores, como vemos pelos altos índices de circulação de informação nos novos meios.

tros exemplos: a indústria da música viveu um desafio muito semelhante, com a desintegração das gravadoras, mas reencontrou um caminho econômico na volta dos shows ao vivo como fonte principal de receitas (os CDs e DVDs hoje servem principalmente para alavancar a plateia de shows). O jornalismo vai encontrar suas saídas também.

Mas, enquanto isso, as mudanças forçam alterações também no fazer jornalístico: menos jornalistas nas redações são forçados a dedicar menos tempo a cada reportagem, deslocar-se menos pelas cidades, por exemplo, usar meios remotos para obter informações, fazer receitas de formas que antes eram consideradas irregulares (*branded content*, como se diz hoje, era algo vedado pelos códigos de ética da profissão há algumas décadas). Então, o impacto no modelo de negócios se reflete também no modo de fazer jornalismo.

Cilene Victor: Neste sentido, podemos dizer que já temos um modelo consolidado de jornalismo nesta era pós-industrial, como ocorre com o fenômeno dos coletivos de jornalistas, ou ainda é cedo para essa afirmação?

Leão Serva: Particularmente não creio que esses novos modelos que vemos estejam consolidados e nem mesmo apostaria que se consolidarão logo, porque a revo-

lução tecnológica está em curso e segue fazendo seus “estragos” nos velhos e mesmo em novos modos de fazer jornalismo. Neste momento, sites jornalísticos estão sofrendo redução de publicidade semelhante à que abate os meios analógicos, simplesmente porque eles já são “meios velhos”. As mudanças estão ocorrendo.

Cilene Victor: Outra face da crise tem sido atribuída às dificuldades de as sociedades lidarem com a quantidade, a frequência e a intensidade de informações não jornalísticas, produzidas e disseminadas pelas mídias sociais, mas que se apresentam como jornalísticas. Na sua percepção, essa é uma preocupação real ou imaginária?

Leão Serva: Entendo que há duas visões paralelas sobre a mesma questão, muito fortemente ideologizadas. Em primeiro lugar, todos os novos meios surgem reivindicando a ideia de “democratização” da informação: os livros impressos democratizavam o acesso a livros que, antes manuscritos, eram raríssimos e caríssimos e só existiam em bibliotecas; a imprensa permitia a muito mais gente imprimir seus conteúdos (e logo a Inquisição e outros controles se impuseram); ao se potencializar a partir do século XVIII, o jornal dava acesso diário, nas ruas, a conteúdos (inclusive livros em capítulos) que antes eram muito caros e inacessíveis;

o rádio, gratuito desde o início para o ouvinte, dava acesso grátis ao que os jornais cobravam; idem para a TV, com imagem etc. e tal. Assim, entendo que a história dos meios de comunicação inclui em todos os casos um nascimento ou início de crescimento associado à ideia de democratização, como contrária a um modelo anterior que é centralizador ou monopolista. Para não falar do passado mais longínquo, eu acompanhei como estudioso o surgimento da TV a cabo e a aura que a envolvia, que era de democratização: todos poderão formular sua própria programação; o consumidor vai poder produzir e divulgar informação etc. Em seguida, o que vimos foi a institucionalização da nova tecnologia como um canal de emissão de milhares de canais em que se replica a relação vertical (cf. PROSS, 1980) entre emissor e consumidor.

Nesse segundo momento, há uma reação ao crescimento do consumo dos novos meios que se manifesta nas visões de que eles provocam dependência, de que são embrutecedores. Nesse momento, que corresponde ao início de sua massificação, o que vemos é a sua apropriação pelos meios existentes e a sua “broadcastização”. A tecnologia original do rádio era de dupla mão; a da TV a cabo também. Mas, depois, essas tecnologias são dominadas por conglomerados que submetem os meios a um sistema *broadcast*: umas grandes empresas dominadoras emitem para milhões de consumidores. Eu entendo que a história dos meios de comunicação vive uma repetição paradoxal (Dietmar Kamper *apud* SERVA, 2001, p. 107), um avanço em espiral em que a história se repete com diferenças.

Neste momento, vivemos a afirmação do modelo “democratização”, com a faci-

lidade das redes sociais, e os sinais todos da reação “estupefaciente”, acusações de que as redes sociais intoxicam por excesso de informação e tempo de consumo, em um fenômeno semelhante ao que se chamava em 1995 de “Síndrome da Fadiga da Informação” (como apontei em *Babel, a mídia antes do dilúvio e nos últimos tempos*, 1997).

Em breve, o aspecto *broadcast* deve se tornar mais evidente, quando umas tantas páginas/empresas passarem a controlar 99% da audiência e os bilhões dos usuários contribuirão com 1%.

Cilene Victor: E quanto às *fake news* e ao pós-fato? Estamos diante de fenômenos novos ou de neologismos?

Leão Serva: Acho que são fenômenos velhos, mas a potência de seu consumo é nova; ao mesmo tempo, a educação para os meios (SERVA, 1997) vai se afirmar e logo as pessoas estarão menos suscetíveis às *fake news* – ao menos torço para que o processo se repita!

Um aspecto curioso desse fenômeno e talvez de todos os grandes fenômenos históricos seja o fato de que podemos entendê-los melhor quando olhamos a perspectiva do tempo. Costumo citar o caso do ensaísta norte-americano Robert Kaplan, que nos anos 1990, diante das novas guerras nos Bálcãs, se impressionava com a imensa capacidade que o antigo líder comunista Milovan Djilas (1911-95) tinha de prever o futuro. Kaplan em algum momento se deu conta da fonte de sua capacidade de previsão: “Ele não lê jornais, apenas livros de história”, escreveu. Digo isso porque o momento que vivemos, de excesso de informação e disseminação de *fake news* é muito semelhante

Assim, entendo que a história dos meios de comunicação inclui em todos os casos um nascimento ou início de crescimento associado à ideia de democratização, como contrária a um modelo anterior que é centralizador ou monopolista.

a outros momentos da história da cultura humana. Diante de desafios semelhantes, às vésperas e durante a Primeira Guerra Mundial, marcada por muita disseminação de *fake news*, o pensador alemão Aby Warburg decidiu estudar outro momento anterior, a época da implantação da reforma luterana, no século XVI, que ele abordou no ensaio “A antiga profecia pagã em palavras e imagens no tempo de Lutero”. E hoje, ensaístas contemporâneos, como Norval Baitello Jr. e Peter Schwartz (EUA), se voltam para esse tratado como forma de compreensão do cenário que estamos vivendo quanto à disseminação de “palavras e imagens” tóxicas nos novos meios.

Cilene Victor: Para alguns críticos, em contextos políticos, sociais e culturais que viabilizam e incentivam a produção e propagação de *fake news*, como o que vivemos atualmente no país, o jornalismo ganharia uma sobrevida. O senhor concorda com esse entendimento? O jornalismo pode se fortalecer frente às *fake news*?

Leão Serva: Sim, entendo que o jornalismo já vive o momento de sua consagração sobre *fake news* ou sobre os métodos estruturados de disseminação de *fake news*. Os grupos jornalísticos se tornam referência para a checagem de notícias, por exemplo. A educação dos meios, o conhecimento do procedimento da comunicação faz que as

pessoas busquem fontes confiáveis e sólidas para se informar.

Cilene Victor: Há cinco anos, no artigo “O que estamos fazendo com o jornalismo?”, a professora Barbie Zelizer, da Universidade da Pensilvânia, resgatou questões básicas sobre as práticas e o estudo do jornalismo. Entre essas questões, há um questionamento que raramente fazemos: “como ensinar o que pensamos saber?” Com base na sua experiência no jornalismo e, nos últimos anos, em sala de aula, gostaria que o senhor respondesse: sabemos ensinar o jornalismo? E que jornalismo é esse que ensinamos?

Leão Serva: Bem, entendo que precisamos ensinar o jornalismo que sabemos praticar e aquele que sabemos pensar. Então, essa pergunta é muito complexa: sabemos praticar bom Jornalismo? E sabemos ensinar bom Jornalismo? Com J maiúsculo? Seus ditames éticos, suas técnicas fundamentais; a língua portuguesa, matéria-prima e molde da profissão, ensinamos a escrever dentro de certos paradigmas consagrados do jornalismo?.

E portanto, acima de tudo, sabemos ensinar a pensar? Para não parecer pernóstico, pergunto: sabemos pensar? Tenho dúvidas. Agora que computadores vencem campeões de xadrez, a ideia de pensar deixou de ser singela para ser extremamente desa-

fiadora. Sabemos pensar melhor do que as máquinas? Este é nosso desafio.

Apenas como uma *boutade* para relaxar, aqui cito uma piada que ouvi de um professor da ESPM e que adorei (mas não sei identificar o autor): “Fico muito intrigado sempre em saber: existe vida inteligente na Terra?”.

No caso específico do ensino de jornalismo, creio que os currículos atuais estão equivocados: estamos ensinando jovens a trabalhar como os proletários das fábricas de notícias que vigoraram entre 1850 e 2000 e que estamos vendo acabar. Estamos ensinando os estudantes a fazer algo que morreu (e nem avisamos que se trata de um curso de arqueologia jornalística...). Procurei tratar disse ao propor um novo padrão de currículo para as faculdades, em um dos textos de *A desintegração dos jornais*.

Cilene Victor: Ainda, segundo Zelizer, o jornalismo é uma área de investigação que reúne ao seu entorno três importantes grupos: o dos jornalistas, o dos professores de jornalismo e o dos pesquisadores do jornalismo. Cada um com sua perspectiva, mas basicamente sem diálogo. Para Zelizer, precisaríamos reunir esses três grupos na mesma sala. Na sua percepção, o que o diálogo entre esses três grupos poderia contribuir para mudar, positivamente, o rumo do jornalismo?

Leão Serva: Bem, eu concordo com a teoria e modestamente digo que esse tem sido meu Norte desde a faculdade e ao longo de minha vida: não perder a capacidade técnica de trabalhar no jornalismo; exercer o ensino do jornalismo e estar sempre envolvido em pesquisas para o desenvolvimento do futuro do jornalismo. Tento manter os

pés nessas três canoas. O problema é que as águas estão mais revoltas do que nunca... Mas, sério, penso que isso é fundamental neste momento, porque o jornalismo é vítima de um ataque ideológico que diz algo como “as novas tecnologias tornam o jornalismo desnecessário”, o que é ridículo, um pensamento normalmente propalado por quem tem domínio de aparatos técnicos mas não de seus conteúdos. O jornalismo sempre esteve de braços dados com o desenvolvimento tecnológico e esse é o caminho de sua sobrevivência.

Aliás, quero fazer uma homenagem à segunda geração de jornalistas da família Mesquita (liderada por Julio Filho e Francisco, os dois irmãos mortos em um curto intervalo de tempo no ano de 1969), que foi responsável por trazer ao Brasil todos os professores da segunda “Missão Francesa” (Claude Lévi-Strauss, Fernand Braudel, Roger Bastide, entre outros), e todos eles interagiram no jornal. No Rio de Janeiro, Alberto Dines, que liderou o *Jornal do Brasil* por vários anos, quando ele era o principal jornal brasileiro, foi sempre um elogiado professor universitário e pesquisador. Mais adiante, Otavio Frias Filho, ao assumir a direção da *Folha de S. Paulo*, imediatamente chamou para seu time mais próximo o professor Carlos Eduardo Lins da Silva, cuja carreira jornalística é completamente misturada com a acadêmica. A equipe que liderou as mudanças do jornalismo paulista e brasileiro, nos anos 1980, na *Folha*, tinha muita imbricação com a universidade (Caio Túlio Costa e Matinas Suzuki também eram professores de jornalismo, na PUC, e André Singer era um pesquisador de ciência política, para citar só alguns outros casos). No meu caso, tam-

Portanto, quando crises de qualquer natureza eclodem, o jornalismo dá imenso destaque; quando se perpetuam por muito tempo ou quando arrefecem, os jornalistas vão embora...

bém fui chamado para a *Folha de S. Paulo*, ao terminar o curso de Jornalismo na PUC, em decorrência de minha pesquisa acadêmica sobre meios de comunicação (publicada no livro *Babel, a mídia antes do dilúvio e nos últimos tempos*), que Matinas tinha avaliado como professor do curso.

Cilene Victor: Nos últimos anos, temos emprestado de Hannah Arendt a expressão “homens em tempos sombrios”, que também traz o jornalismo para a berlinda. Neste contexto, a ética aplicada e os códigos de conduta de nossa área são suficientes para afastar o jornalismo da escuridão?

Leão Serva: Infelizmente, não. Em parte, porque o jornalismo, sincronizado com as sociedades, reflete o *Zeitgeist* dos tempos sombrios; em parte porque o bom jornalismo exige procedimentos que os adversários do bom jornalismo e da própria democracia usam para abalar a democracia e o jornalismo: uma cobertura apertada é frequentemente apontada como tibia ou simpática ao adversário dos críticos; e uma cobertura crítica é frequentemente confundida com partidária. Enfim, são tempos sombrios e a redução da influência dos veículos jornalísticos ressalta a influência de todo tipo de emissor, ético ou não, técnico ou não.

Cilene Victor: Se o papel social do jornalismo tem sido colocado em xeque, por que em regimes totalitários e em governos ex-

tremistas, sejam de direita ou de esquerda, a imprensa ainda é alvo de cerceamento e perseguição?

Leão Serva: Exatamente por isso: o bom jornalismo põe em xeque todos os regimes, mormente os totalitários, e por isso eles reagem contra a independência da mídia.

Cilene Victor: A ONU, suas agências humanitárias e diversas instituições da sociedade civil têm apontado o dedo em riste para o jornalismo e o acusado de condenar crises humanitárias à invisibilidade. Com base na sua atuação como jornalista e hoje, como docente e pesquisador, que avaliação o senhor faz dessa responsabilidade atribuída ao jornalismo?

Leão Serva: Bem, acho que ao apontar o dedo para a cobertura das crises humanitárias, a ONU ou seja lá qual for a instituição da sociedade civil, desconhece o funcionamento do jornalismo: ele não pode destacar o que não seja má notícia e nem o que não seja novidade. Portanto, quando crises de qualquer natureza eclodem, o jornalismo dá imenso destaque; quando se perpetuam por muito tempo ou quando arrefecem, os jornalistas vão embora... Esse é um fenômeno típico da imprensa, que procurei quantificar para dar uma clareza visual, em gráficos de curvas sobre intensidade de coberturas ao longo do tempo, em minha dissertação de mestrado *Tempo de guerra, tempo de jornal* (1998) e no livro *Jornalismo e*

desinformação (2001). A típica intensidade de uma cobertura jornalística tem um pico logo de início e depois vai se reduzindo

Cilene Victor: Como fazer da imprensa guardiã dos direitos civis e humanos no momento em que o mundo vive, segundo a ONU, a maior crise humanitária desde o final da Segunda Guerra Mundial?

Leão Serva: Pessoalmente, tenho dúvidas de que vivamos a maior crise de imigração desde o final da Segunda Guerra Mundial. Eu aposto que foi a migração dos alemães étnicos das populações que há séculos eram habitantes de todas as regiões da França aos Urais da Suécia aos Bálcãs e que, após a louca aventura nazista, foram expulsos dos territórios onde viviam há séculos apenas por terem origem germânica e falarem dialetos de alemão. Essa imensa onda migratória foi organizada pelos Estados envolvidos, vitoriosos, União Soviética, Polônia, Checoslováquia, Hungria, Romênia etc. que enviaram para a Alemanha, destroçada após a derrota na guerra, cerca de 15 milhões de pessoas, em um período curtíssimo de tempo. Isso tudo ocorreu sob um silêncio absoluto dos meios de comunicação do mundo todo. Certamente as migrações dentro da África ao longo da segunda metade do século XX, depois das independências, devem atingir números extremamente altos. Sebastião Salgado fez um de seus grandes projetos de documentação, o livro *Êxodos* ao longo de vários anos e o publicou em 2000, muito antes da atual crise humanitária. Por fim, destaco que o Brasil foi palco de um movimento migratório interno sem paralelo no planeta, entre 1950 e 2000, quando passamos de uma nação de população majoritariamente rural para uma das

mais urbanizadas da Terra. Ressalto isso para dizer que há um contínuo migratório no mundo todo, que nos últimos anos teve um agravamento, por certo, mas principalmente tem como característica nova o destino: o sul da Europa. E parece-me que é isso que potencializou a cobertura dos meios de comunicação para muito além do que momentos anteriores dessa longa crise migratória. Fora isso, entendo que a imprensa tem cumprido seu papel de guardiã dos direitos humanos ao expor a atual crise migratória. Se não fosse a imprensa, milhões de pessoas mais estariam se afogando no Mediterrâneo...

Cilene Victor: A partir de sua experiência com jornalismo de guerra, com a fotografia de guerra, o que mudou na cobertura de guerra de ontem e de hoje?

Leão Serva: Quase tudo mudou, menos a busca de uma imagem “matadora”. No início dos anos 1990, trabalhávamos com filmes, fotografia analógica, transmitidos fisicamente ou por caríssimos processos de telefoto, principalmente em preto e branco. Hoje, a fotografia digital alterou completamente os processos de produção e transmissão. Pode-se fazer uma foto no telefone e mandá-la em tempo real para o outro lado do planeta, com uma qualidade semelhante à da foto analógica. Mas o conteúdo, a imagem, segue buscando “fórmulas de emoção” (cf. WARBURG, 2015), aquelas imagens que contêm, transportam, representam, sentimentos que se propagam de forma imediata.

Cilene Victor: Tem-se recorrido a conceitos como “sofrimento distante”, “fadiga da compaixão” e “pânico moral” para explicar

As redes ampliam o alcance das notícias e das imagens e apressam a sua distribuição. E como o meio é mensagem, certamente há alterações na percepção diante da recepção por novos meios, o que é nosso tema de estudos.

os impactos e os desdobramentos do jornalismo na cobertura do sofrimento humano. Mas isso é novo? Em décadas passadas, o jornalismo ao cobrir guerras, por exemplo, já não provocava isso em sua audiência?

Leão Serva: Não me parece que haja nada de novo: o jornalismo sempre foi feito de trazer para perto os conflitos distantes. E isso provocava excitação nas audiências. As novidades, me parece, como falamos anteriormente, estão na velocidade dos meios de transmissão, na profusão das fontes, no excesso de informação.

Cilene Victor: Em sua dissertação de mestrado *Tempo de guerra, tempo de jornal*, apresentada há 21 anos, o jornal, objeto de sua análise, desempenhava funções que hoje já não mais fazem parte de sua prática? O que mudou?

Leão Serva: Mudou o tempo, mudaram as guerras e mudou o meio jornal. Mas isso é o acidental. No entanto, não mudou a essência do jornalismo e do seu relacionamento com conflitos. Digamos que o jornalismo sincronizava a sociedade (cf. BAITELLO JR., 1997) e hoje segue sincronizando. Isso é o essencial. O que mudou, portanto, foi a forma de fazê-lo. Os elementos desinformativos que aponto na versão, resumida, da tese publicada sob o título *Jornalismo e desinformação*, se comportam da mesma

forma também no jornalismo praticado nos meios novos. É o caso das curvas de grande impacto e paulatina redução até o esquecimento, que mencionei antes.

Cilene Victor: Guerras civis, conflitos armados, desastres e instabilidade política e econômica são algumas faces da crise humanitária que, muitas vezes, são materializadas em fotos-choque que, por sua vez, provocam comoção e servem de termômetro para a formação da opinião pública, via repercussão nas mídias digitais. Se ignorarmos o fenômeno da sociedade em rede, o que há de novo?

Leão Serva: Creio que, em princípio, procedimentos tradicionais seguem preservados. Como você lembra: os fatos seguem existindo de forma semelhante (guerras civis, conflitos armados, tragédias ambientais, inclusive potencializadas pelas mudanças climáticas etc.). E do lado do consumidor/leitor, o interesse pelas coberturas dessas notícias de impacto sensacional, distantes ou próximas. Estruturalmente, nada mudou. As redes ampliam o alcance das notícias e das imagens e apressam a sua distribuição. E como o meio é mensagem, certamente há alterações na percepção diante da recepção por novos meios, o que é nosso tema de estudos. Destaco a semelhança para ressaltar que a imprensa tende

sempre a trabalhar melhor em uma zona de conforto que são notícias semelhantes a outras dadas no passado. As notícias realmente novas são mais difíceis de serem trabalhadas e seguem com pouco destaque relativamente a sua importância estratégica. Acho que todos os leitores percebem que a imprensa ainda noticia tragédias climáticas como fazia no passado: forte chuva em tal lugar, ventos em outro, tudo como se fosse a mesma forte chuva de décadas atrás, quando mudou completamente o conjunto do clima, as chuvas de verão se tornaram sempre o que chamavam de tromba d'água, os ventos fortes de certa época do ano em São Paulo se tornaram tufões regulares, todos os anos; as tempestades extratropicais de Santa Catarina se materializam na forma de alguns furacões por ano. E a imprensa não liga o lé com o cré, desde logo porque as reportagens são processadas frequentemente em lugares diferentes do jornal (como aponto em *Jornalismo e desinformação*, notícias complexas não se adequam aos paradigmas das editorias). Outro caso importante. Como em *Game of Thrones*, “o inverno está chegando”: o fim do emprego braçal, das atividades repetitivas vai deixar sem renda bilhões de pessoas em poucos anos pela frente ao mesmo tempo que o aquecimento global provoca tragédias em todos os países. Mas a imprensa no mundo inteiro está completamente alheia a esses riscos globais. Então, respondendo a sua pergunta, se ignorarmos o fenômeno da sociedade em rede, o que há de novo é o risco de duas grandes ameaças globais e no mundo inteiro os eleitores em todos os países estão elegendo líderes com vocação local (Trump protecionista; Inglaterra escolhendo o Brexit; Bolsonaro dizendo que

“Brasil acima de tudo”, a Índia elegendo o nacionalismo hindu etc.). A imprensa e as redes sociais, que hoje são mídias globais, acentuam a atenção ao local quando os principais desafios que temos pela frente são globais, exigem soluções globais.

Cilene Victor: Em A *‘fórmula da emoção’ na fotografia de guerra*, sua tese de doutorado defendida na PUC, em 2017, o senhor aborda o termo “*pathosformel*”, cunhado por Aby Warburg, na perspectiva da fotografia de guerra e, entre os exemplos, está o do terrorismo. Se o terrorismo, na atualidade, faz da “mídia o seu oxigênio”, seria a imagem o seu principal elo?

Leão Serva: Com certeza, o terrorismo sempre usou a imagem (a consequência dos ataques) como forma de mostrar um poder que, sempre, ele não tem. O terrorismo, como define Norberto Bobbio em seu *Dicionário de Política*, é uma prática que visa maximizar o impacto de um grupo político ou militar que não tem condições de vencer uma guerra convencional. E essa maximização se dá exatamente pela produção de imagens poderosas. Com três aviões, um grupo terrorista produziu a imagem mais brutal de todo o milênio até agora, a destruição das torres gêmeas. Com aparelhos simples de gravação e edição de vídeos, chocaram o mundo com decapitação de pessoas... O terrorismo vive de produzir imagens de impacto e várias delas são atualizações de “fórmulas de emoção” (ou “*pathosformeln*”) arcaicas.

Cilene Victor: Se não podemos conceber uma sociedade democrática e civilizada sem o jornalismo, que jornalismo devemos conceber para uma sociedade democrática e civilizada?

Com aparelhos simples de gravação e edição de vídeos, chocaram o mundo com decapitação de pessoas... O terrorismo vive de produzir imagens de impacto e várias delas são atualizações de "fórmulas de emoção" (ou "pathosformeln") arcaicas.

Leão Serva: O jornalismo deve seguir como uma atividade de moderação, um dos freios e contrapesos das sociedades contemporâneas. Ele terá que aprender a fazer isso em novos

meios e a sociedade terá que aprender a reconhecer sua necessidade. Esses ataques ao jornalismo pelos partidos populistas de direita e esquerda em todo mundo não são nada diferentes dos ataques de cem anos atrás.

Referências bibliográficas

- BAITELLO JR., N. **O animal que parou os relógios**. São Paulo: Annablume, 1997.
- PROSS, H. **Estructura simbolica del poder** – teoria y practica de la comunicacion pública. Barcelona: G.Gili, 1980.
- SERVA, L. **Babel: a mídia antes do dilúvio e nos últimos tempos**. São Paulo: Mandarim, 1997.
- SERVA, L. **Jornalismo e desinformação**. São Paulo: Senac, 2001.
- WARBURG, Aby. Dürer e a Antiguidade Italiana. In: _____. **Histórias de fantasma para gente grande**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

Data de recebimento: 22/05/2019

Data de aceite: 29/05/2019

Dados dos autores:

Leão Serva

<http://lattes.cnpq.br/9424752992737684>

Doutor em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC SP, com a tese *A 'fórmula da emoção' na fotografia de guerra*, Leão Serva é jornalista e professor da Escola Superior de Propaganda e Marketing e um dos mais importantes nomes de uma geração de jornalistas que fez da imprensa brasileira um dos pilares da democracia, da paz e dos direitos humanos.

Cilene Victor da Silva

<http://lattes.cnpq.br/1124699971174252>

Professora de Jornalismo e Relações Públicas da Faculdade Paulus de Comunicação e professora titular do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Metodista de São Paulo.